

Blumenau



em cadernos

TOMO XXV

Maio de 1984

Nº. 5

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

IND. E COM. DE CONFECÇÕES BLUMALHAS LTDA.

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

COMPANHIA HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTÂNEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

EUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXV

Maio de 1984

Nº. 5

SUMÁRIO

Página

Figuras do Passado	130
Tio Antonico	131
Autores Catarinenses	133
A festa de São João e São Pedro em Armação de Itapocorói ...	135
Cinema em Blumenau ..	137
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau	139
Diário de viagem do imigrante Paul Schwartz	141
Achegas à História de Gaspar	146
A História de Blumenau revela:	153
Professor Seixas Neto	157
Aconteceu	158

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 2.500,00

Número avulso Cr\$ 200,00 -- Atrasado Cr\$ 250,00

Assinaturas p/ o exterior Cr\$ 3.000,00 mais o porte Cr\$ 2.000,00 total Cr\$ 5.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Figuras do Passado

DR. PAULO ANDRÉ DE CARVALHO

O passamento deste insigne embora humilde médico de nossa cidade, ocorrido a 1º. de Outubro de 1983, deixou profunda lacuna no seio da categoria médica de Blumenau.

Dr. Carvalho representava uma época em que a Medicina era tida como o espelho da ciência e da cultura, emoldurando seus profissionais com uma auréola de conselheiro, amigo e sábio. Época em que o médico, essencialmente humanista em sua formação, era por todos respeitado, sobretudo porque também sabia respeitar, agindo com ponderação e desvelado amor ao próximo. Dr. Carvalho personificava aquele médico competente, estudioso, cordato, cordial, caridoso, compreensivo, leal e tolerante. Suas feições, seu sorriso de homem sincero possuidor de um espírito profundamente religioso, irradiavam paz e tranquilidade. Seus conselhos se caracterizavam pela mais retilínea das concepções morais.

Dr. Carvalho reunia qualidades e requisitos que, infelizmente, nos dias de hoje, estão deixando de ser uma constante e uma característica da nobre profissão que abraçamos, pelo aviltamento do sistema de assistência médica que desumaniza o paciente, pelo não reconhecimento por este sistema daquele que realmente se esforça por cumprir suas tarefas com desprendimento e abnegação, pelo consumismo materialista, pela inversão dos valores em uma sociedade conturbada onde o "TER" parece possuir mais valia que o "SER". Pacientes e médicos se degladiam e, até mesmo médicos (cada vez mais) entre si, denegrindo toda uma classe, esquecendo-se alguns do que são e a que vieram, levados por interesses personalistas.

Restam, porém, exemplos como de Dr. Carvalho, Dr. Pape, Dr. Hoess, Dr. Hromada, Dr. Haffner, Dr. Câmara, Dr. Armino Tavares, Dr. Fúlvio Luz, Dr. Espindola, Dr. Alfonso Balsini, Dr. Ângelo de Caetano, Dr. Taborda, Dr. Odebrecht, Dr. Reyneto Sodré e outros mais, ainda atuantes, que mantêm acesa a chama do idealismo e do trabalho desinteressado, visando acima de tudo o doente, alguns até mesmo acima de sua própria família. Que estes exemplos vivos ou já falecidos sirvam para nortear o exercício da verdadeira Medicina de nossos mestres, orgulho de toda uma civilização e um dos estímulos de nossa comunidade.

Ao ensejo do transcurso do DIA DO MÉDICO a 18 de Outubro, cabe-nos refletir sobre os conceitos éticos e morais emitidos por Hipócrates há quase 2.500 anos, ainda hoje atualíssimos, posto que definitivos e irretocáveis.

Lorival Hari Hübner Saade

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

TIO ANTONICO

Celso Liberato

Em artigo publicado no n.º 2 de fevereiro último, desta revista, lembra o historiador Walter F. Piazza a visita pastoral feita em setembro de 1895 pelo primeiro Bispo do Paraná e Santa Catarina Dom José de Camargo Barros ao Vale do Itajaí, onde foi festivamente recebido por autoridades e povo.

O artigo vem complementando de "Notas" com uma relação dos sacerdotes que acompanharam D. José na viagem, além das pessoas de representação que o cumprimentaram na passagem pelas cidades e vilas da região, de cujas pessoas alinha dados pessoais.

A nota n.º 19 diz o seguinte: ANTONIO LIBERATO — Nada encontramos a seu respeito. Deixamos aos itajaienses o preenchimento dessa lacuna.

Nas notas nrs. 20 e 21 são feitas iguais apreciações quanto a Palumbo (que a meu ver é Clorindo Palumbo) e a Manoel Marques Brandão, duas figuras de grande expressão na sociedade itajaiense daquele tempo.

Ao ler o artigo, meu amigo e conterrâneo Arão Rebelo que ostenta o brazão de decano dos advogados de Santa Catarina, não conta tempo e num daqueles seus impulsos de velha amizade familiar desengancha o telefone e me dirige caloroso apelo para que preencha a alegada lacuna no que

diz respeito a meu tio-avô Antônio Pereira Liberato, tio Antonico, como o chamávamos.

Na hora, senti-me num aperto, já que são poucos os elementos de que disponho para dar completa cobertura á atuação de Antônio Pereira Liberato na vida política, econômica e social do antigo Itajaí.

Assim, o remédio para me desobrigar da obrigação é recorrer a esse excelente documentário que é a "Pequena História de Itajaí", do Professor Edison D'Avila, a par de gratas lembranças entesouradas na memória.

A página 42 lá está: "Durante alguns anos os liberais não tiveram liderança em Itajaí. Somente à chegada de Antônio Pereira Liberato em 1850 o seu entrosamento na vida comunitária, foi que despontou a sua figura de chefe político liberal do Distrito."

A seguir, as páginas 53 e 54 revelam: "Em maio de 1892 realizaram-se as eleições para o novo Congresso Constituinte do Estado, já que o anterior havia sido dissolvido. Por Itajaí elegeu-se o candidato federalista Emmanuel Pereira Liberato. Nas eleições para a Câmara Municipal os federalistas voltaram a se sair bem: elegeram a maioria dos vereadores. A nova Câmara Municipal era presidida pelo Cel. Antônio Pereira Liberato".

Segundo demonstra a página 137 foi ainda Antônio Pereira Liberato eleito Vereador à Câmara Municipal de Itajaí para o período de 1877 a 1880.

No plano particular foi Antônio Pereira Liberato comerciante e armador em Itajaí. Mantinha ele navios à vela que faziam o co-

mércio de madeira serrada do porto de Itajaí para Santos e Rio de Janeiro.

Homem sensível à problemática social, muitas vezes o vi, na casa e no escritório, em sua mesa de trabalho às voltas com mapas, plantas e escrituras, na tentativa, à vista dos interessados, de solucionar velhas questões de terras pela via pacífica e extra-judicial do acordo e do entendimento entre as partes desavindas.

E foi tio Antonico quem primeiro vacinou a mim e a outras crianças de Itajaí contra a varíola que antigamente grassava na cidade e adjacências.

A sua casa à rua Dr. Pedro Ferreira e Silva era típica dos chefes políticos do interior, de antigamente. As portas sempre abertas. A toda hora entrava gente e saía gente. Amigos e correligionários de perto e de longe. Do centro e dos bairros e de todos os arraiais políticos do município. A mesa sempre posta. Na cozinha a turma de forno e fogão se virava na frente do grande fogão a lenha, na garantia do trivial de carne assada ou peixe frito, com arroz e feijão. Além do pernoite.

Mas a imagem mais viva — e talvez a última — que me ficou de tio Antonico veio num fim de tarde ao vê-lo de pé apoiado na grossa bengala, claro, corado, de cabelos brancos e roupa azul escuro a olhar o transporte de madeira do porto para bordo do seu lugre "Almirante" de três mastros, atracado no trapiche.

Ainda que por força de seus negócios marítimos, colaborou

Antônio Pereira Liberato no povoamento do Vale do Itajaí, ao transportar em seus navios emigrantes alemães e italianos do Rio de Janeiro para Itajaí, de onde subiam o rio Itajaí-Açu para se fixarem em outras regiões do Vale.

Assinala Wolfgang Altenburg na biografia de seu pai Luiz Altenburg Sênior que o avô Moritz Franz Altenburg e sua família deixaram em outubro de 1857 a cidade de Reichenbach, na Alemanha, em que residiam, com destino ao Rio de Janeiro, onde chegaram em 23 de novembro daquele ano, em viagem feita no vapor "Teutônia".

Depois de alguns dias de estadia na ilha das Flores onde eram alojados os imigrantes, viajou para Itajaí acompanhado de toda a sua família, armas e bagagens, inclusive um piano, no patcho "Liberato I".

Ocorreu que no mesmo navio embarcaram o seu proprietário Antônio Pereira Liberato e sua jovem esposa, que assim passaram a companheiros de viagem da família Altenburg.

E em 16 de dezembro de 1857, numa viagem histórica de dias e noites de solidão marítima, ora de velas frouxas ora de velas retesadas de vento, o "Liberato I" transpunha a barra de Itajaí, indo ancorar no porto, onde os viajantes e a pesada carga foram desembarcados sãos e salvos.

Mas estava escrito que o encontro casual da travessia marítima entre as famílias Altenburg e Liberato não iria ficar por ali, já

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

que muitos anos mais tarde Luiz Altenburg Sênior viria a ser o avô materno de minha esposa Mathilde Bauer Liberato.

Depois de muitas lutas, já em idade avançada e doente, tio Antonico certamente visando melhores recursos para sua saúde, transferiu residência para o Rio de Janeiro, onde, decorridos alguns anos, veio a falecer.

Na época, os jornais do Rio noticiaram "O falecimento no subúrbio de Ramos, onde morava,

do Comendador Antônio Pereira Liberato".

A estas alturas, bem ou mal, tenho por preenchida a lacuna apontada pelo Senhor Walter F. Piazza. Se não fiz mais e melhor é que me faltaram meios e modos.

E como já vou longe, vou ficando por aqui, a bendizer a inesperada lacuna que teve o mérito de abrir o sinal verde para esta breve retrospectiva histórico-sentimental do passado itajaiense.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

ANITA GARIBALDI NA "UNIVERSITY OF COLORADO"

Numa crônica sem pretensões, alusiva aos meus quinze anos de Ministério Público, dessas coisas que a gente escreve mais para si próprio que para o leitor, eu relembra a mui destacada cidade de Anita Garibaldi, minha primeira comarca.

Logo após o concurso, em Florianópolis, o então Procurador-Geral da Justiça, Dr. Hélio Rosa, me chamou ao seu gabinete para uma conversa de amigos. Olhando por cima dos óculos, naquele jeito muito seu, com o ar sério que, no entanto, não conseguia afasiar a impressão que estava me gozando, foi logo dizendo:

— Temos três comarcas vagas: Mondaí, no extremo Oeste, Imaruê, no Sul, e Anita Garibaldi, perto de Lages. — Fez uma pausa que me pareceu enorme e completou: — A você coube esta última...

O nome dessa cidade provocava calafrios e houve até quem arpiasse carreira à simples hipótese de enfrentá-la. Um dos passatempos locais, diziam, era fazer tiro-ao-alvo na praça central e havia lá um recanto — o célebre Morro do Chapéu — onde o cano do 38 era o talher para mexer a pinga e talho de facão não passava de vacina. Mas eu estava decidido a iniciar vida nova e fui.

A cidade era precária. As ruas não tinham calçamento. A iluminação deficiente não permitia sequer a leitura noturna. Não havia cinema e nem se captava a televisão. Os jornais chegavam velhos e só o rádio furava as distâncias e nos mantinha em contacto com o mundo.

As noites eram silenciosas e terrivelmente longas. Eu sabia os passos para cercar a casa e desta até a praça e o Fórum. Os ruídos noturnos ficaram familiares e até os latidos de alguns cães se tor-

naram conhecidos. Não me cansava de caminhar, solitário, contemplando a noite estrelada e deixando o pensamento vagar sem rumo. Idéias, sonhos, planos, projetos, recordações, alegrias e tristezas, tudo passando a galope e meio misturado pela cabeça.

Em compensação, o serviço era muito. Eu e o juiz, meu amigo e conterrâneo Rogério Farias Lemos, saíamos do Fórum à noitinha. Creio que fizemos uma justiça sincera e as coisas a nosso cargo tiveram andamento. Procuramos manter sempre os pratos da balança no mesmo nível.

O tempo escorria devagar. Os fins de semana em que as chuvas não permitiam nossa fuga para as cidades vizinhas (principalmente Lages e o Balneário de Piratuba) pareciam não ter fim. Eram, então, autênticos "porres" de leituras em que devorávamos desde o arçevizado Pontes de Miranda até as novelas policiais de Shell Scott.

Mas o correr dos dias, dos meses e dos anos revelou que a temida Anita Garibaldi não merecia nem de longe a fama que tinha. Seus habitantes, na grande maioria, eram homens dedicados ao trabalho, pacíficos e hospitaleiros. A criminalidade, se bem analisada, se reduzia a bagatelas. Fizemos bons amigos, o círculo foi se alargando, e lá ficou até um ou outro compadre. Numa festa inesquecível deram-me o título de cidadão honorário.

Um dia veio a promoção e chegou a hora de partir para cidade maior. Anita Garibaldi passou a integrar o passado, um passado que se afasta com rapidez. Embora eu deva confessar, ainda hoje, que muitas vezes tenho saudades de sua paz, de seu silêncio e de muitas fisionomias amigas. E também — por que não dizer? — dos churrascos que lá comíamos, aquela carne macia e succulenta como jamais encontrei. Essas reminiscências, assim anotadas sem plano, foram publicadas num jornal, por coincidência na mesma página em que saía substancioso ensaio crítico de minha amiga Teresinka Pereira, brasileira de Minas Gerais, radicada nos Estados Unidos, onde é professora na Universidade do Colorado. E ela, comovida mais pela pureza da terra garibaldina que pelos méritos do cronista, não só usou o pequeno texto em suas aulas de Literatura, como o publicou numa revista. "Parece-me — disse a escritora — que a ligeireza do assunto e a delicadeza de seu estilo fez com que o texto seja ótimo material não só para ensinar o idioma, mas também um pouco de cultura brasileira. A cidadezinha de Anita Garibaldi me parece uma ótima contraposição à turística Rio de Janeiro que todos os meus alunos de português já conhecem..."

É assim que justifico esta nova crônica sobre a terra garibaldina, minha primeira comarca. Uma forma de registrar um humilde agradecimento e dizer que Anita Garibaldi, portadora do nome ilustre da heroína de dois continentes, está feliz com a gentileza da estudiosa mestra de tão importante Universidade. E se mais não faz é porque, como toda provinciana, é de natural recato e fica encaulada de propalar tal acontecimento.

Esse recado, assim desataviado, nem sequer seria dado, não fosse a desmesurada indiscrição deste seu filho adotivo.

A festa de São João e São Pedro em Armação de Itapocorói

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart.

"De quantas, porém, na pitoresca e hospitaleira província de Santa Catarina merecem menção mais especial, nenhuma há — nenhuma, por sem dúvida — que em magnificência, serenidade e amplidão, sobrepuje aquela que se goza do alto de uma antiga feitoria destinada à pesca das baleias e conhecida por Armação de Itapocorói"(1).

As festas de junho são realizadas pelo Brasil afora marcando, em todas as áreas regionais, um ritual preparado com carinho e expectativa.

Junho é conhecido como mês de São João e São Pedro e em torno das fogueiras erguidas em locais públicos persiste a magia das festas tradicionais.

À festa de São João pertencem as quadrilhas, as cantigas, os casamentos caipiras, os comese-bebes. E São Pedro também aparece nas comemorações, festejado semelhante a São João. "embora em menor escala", como cita Luis da Câmara Cascudo (2), afirmando ainda que "é festejado pelos marítimos, por ter sido pescador, com missas votivas, desfile marítimo, etc."

Os santos de junho são lembrados nas festividades da pequena vila de pescadores de Armação de Itapocorói, município de Penha.

A festa reúne pescadores dos litorais norte e sul de Santa Catarina que se dirigem ao local numa antiga tradição. Deslocam-se de vários pontos e portos e quando conduzem seus barcos de pesca, ancoram os mesmos na baía

de Itapocorói. A cada ano, o pedido dos pescadores: um trapiche que permitia o acesso melhor para encostar os barcos e mesmo para que os familiares dos pescadores possam descer à terra de modo mais fácil. Como fazem para chegar à terra? "Uma chata vai até os barcos, pega o pessoal e traz à praia, pois os trapiches — dois de madeira e um de cimento —, já caíram, o mar levou", informou o senhor Sebastião Luiz Gonzaga, ex-pescador e atual vice-prefeito da Penha, tendo, por longos sete anos, participado da comissão de festejos da Igreja de São João.

"Agora a Prefeitura está estudando um meio de fazer um trapiche permanente porque precisa para qualquer coisa, não só para a festa. Um trapiche é bom para tudo", completou seu Sebastião".

A festa de São João e São Pedro acontece na Igreja de São João, na praia de Armação e pertencente à paróquia da Penha.

As comemorações juninas contam com uma programação que inclui missa, festa da fogueira, show pirotécnico e apresentação de dupla caipira — tudo "a-

padrinhado" por festeiros daquela comunidade penhense.

A festa em homenagem a São João é antigüíssima e começou em 1759. A imagem de São João veio de Portugal e a festa começou naquele tempo. "Começou com pouca gente, do local mesmo. A partir de um certo tempo repercutiu na região, no Vale do Itajaí, no interior de Piçarras, na Penha toda. Mas sempre ligada (a festa) aos pescadores. Até mais ou menos 1960 a comemoração era realizada no dia que caísse, não importando o dia da semana. Depois foi transportada para domingo, quando dava mais gente e a festa melhorou. Domingo posterior ao dia do Santo", acrescentou seu Sebastião.

Agora no domingo do final de junho realizam-se as procissões dos santos homenageados. As procissões saem da capela. Enquanto uma turma de fiéis conduz a imagem de São João pela praia, a outra leva a imagem de São Pedro até o barco que a transportará na procissão marítima. Barcos conduzem os moradores, visitantes e pescadores. O barco que leva a imagem de São Pedro obedece a um sorteio ou, normalmente, a um pedido feito pelo dono do barco. É de quem chega primeiro, quem se habilita na frente tem o direito de levar o santo", diz seu Sebastião.

A festa de São Pedro é nova, de 25 a 30 anos para cá; a imagem também é nova e data de 1955, mais ou menos. Por que São Pedro? — "Por causa dos pes-

cadores que queriam uma procissão marítima", informou o senhor Sebastião.

Por sua vez a imagem de São João tem 225 anos, se levarmos em conta as informações que dão como data da construção da capela o ano de 1759.

Até 1957 a festa era feita sem muita expectativa; a partir daí, promovendo melhor a festa, a comissão da Igreja passou a contratar uma dupla caipira de São Paulo para animá-la. Os shows que a dupla apresenta são no sábado (no salão da igreja, com ingresso pago a fim de cobrir despesas) e no domingo à tarde (no pátio, ao ar livre, para todos). Na festa também aparecem barraquinhas com doces e trendas. A igreja possui dois enormes salões destinados à realização do almoço e à domingueira.

A festa de São João e São Pedro começa no sábado: a programação é intensa: missa, fogueira sorteada, comes-e-bebes. Para o sorteio da fogueira, é feita uma lista de rifa ou leilão americano. A pessoa adquire bilhete para ver se é premiada para acender a fogueira com um foguete.

Domingo a missa é campal, realizada às 10 horas da manhã, coadiuvada por dois padres de fora. Depois da missa tem o serviço das barracas. Muitas vezes alguma banda de música apresenta-se para o público até as 16 horas, quando sairá a procissão.

Os festeiros são escolhidos da seguinte maneira: cada festeiro

HABITASUL É um nome que sugere poupança e que o blumenauense tem prestigiado com sua preferência porque acredita na garantia que oferece.

daquele ano indica o nome de um colega, de um irmão, filho ou compadre para ser festeiro do ano próximo. O padre dá os nomes deles e dos noveneiros durante a missa. Mas como a lista tem crescido, o padre deixa para ler a relação depois da procissão.

A capela de São João ainda conserva no seu estilo simples e colonial a herança de mais de dois séculos de tradição e fé, lembrados a cada junho na Festa de São João e São Pedro.

O apostolado da Oração e a

Comissão da Igreja são as entidades responsáveis pela manutenção da Igreja de São João. O apostolado, representado por senhoras que cuidam da Igreja, do vestuário do padre, etc. A comissão, participando das reformas, construções e/ou ampliações dos galpões e da limpeza do pátio.

E todos unidos conseguem manter viva uma tradição tão expressiva — exemplo que a comunidade religiosa de Armação de Itapocorói, na Penha, dá desde 1759.

Referências:

- (1) Taunay, Visconde de. Armação de Itapocorói, in Antologia Remissiva, Saraiva, São Paulo, 1964.
- (2) Cascudo, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Melhoramentos/INL/MEC, São Paulo, 1979.

CINEMA EM BLUMENAU

Edith Kormann

(Do livro "Histórico sócio-cultural-artístico de Blumenau")

IRMÃOS HOLZWARTH — Os Irmãos Holzwarth, Adolf e Gottlob vieram da Patagônia (Sul da Argentina) em 1914, onde eram negociantes. Gottlob trouxe da Argentina um cinematógrafo, que usou quando era cinegrafista ambulante, a partir de 1916. Os irmãos compraram um gerador para projetar os filmes nos locais onde não havia luz. Inicialmente o gerador era transportado pelo interior de carroça e mais tarde de automóvel. Com a difusão da eletricidade não houve mais necessidade de transportar o gerador, porém o mesmo ficou disponível no salão Hinkeldey porque era comum faltar energia elétrica nos domingos a tarde. Os filmes exibidos no salão Hinkeldey e outros locais, eram alugados de Frederico G. Busch e inicialmente eram mudos. OS Irmãos Holzwarth não chegaram a usar discos sincronizados com os filmes, porém, quando o Cine Busch iniciou a exibição dos filmes falados, os ambulantes também os exibiram. Os Irmãos Holzwarth cessaram suas atividades por volta de 1944.

CINE MOGK — Johann Ernst Walter Mogk nasceu em Okhanja (África) no dia 23 de novembro de 1912. Veio para o Brasil em 1923. Casou-se com Tekla Schlei e são seus filhos: Haraldo, Ralf e Ingo. Começou com uma pequena marcenaria diversificada em Itoupava Norte, mais ou menos onde atualmente funciona o Cine Mogk e a indústria "Mogk Indústria e Comércio de Máquinas Ltda" que fabrica máquinas industriais de vários tipos.

Em 1930, Mogk começou a dar espetáculos de prestidigitação e o primeiro espetáculo foi realizado em Apiúna. Posteriormente deu espetáculos de prestidigitação desde S. Paulo até a Argentina. Orgulhava-se de dois espetáculos apresentados em S. Joaquim (SC), em 1932, onde a sala estava superlotada com 10 graus abaixo de zero. Trabalhou como prestidigitador até 1941 quando começou com o cinema. Mogk, que antigamente também fora cinegrafista ambulante exibiu filmes em Indaial, Timbó, Pomerode, Itoupava Central, Testo Salto, Testo Rega, Vila Itoupava, Gaspar e também no Teutônia (hoje Ipiranga). As apresentações cinematográficas eram sempre marcadas com a devida antecedência, porém numa determinada ocasião as exibições de Mogk e Julianelli coincidiram em local e hora, sendo o irrispasso resolvido com uma corrida de automóveis, Julianelli esperou Mogk depois da sessão para discutirem o assunto. O primeiro projetor usado por Mogk foi um "Hanngaertz". Os cinemas de Indaial, Timbó e Itoupava Norte utilizaram projetores fabricados em 1968 pela família Mogk. Em 1944, Mogk começou a fabricar peças de reposição para projetores cinematográficos no sul do Brasil. Fabricam também toda parte sonora.

A primeira sessão cinematográfica realizada no antigo salão de baile onde hoje está o Cine Mogk foi no dia 3 de setembro de 1941 com o filme "O Tirano de Alcatraz" (falado). O atual prédio pertence à família Mogk e foi construído em 1968 por pedreiros contratados. O maior problema da época era a falta de cimento que era importado do Uruguai, e que contribuiu para que a construção se prolongasse por seis meses. O prédio foi inaugurado no dia 31 de outubro de 1968 com o filme "Felizes para sempre" com Omar Schariff e Sophia Loren. Funciona regularmente até hoje e os 402 lugares foram reduzidos para 323 devido a enchente. Mogk construiu as poltronas para o seu cinema em Itoupava Norte e também para as salas alugadas onde exhibe seus filmes. Por volta de 1954, a bonita casa de espetáculos cinematográficos Mogk, também exibiu filmes em terceira dimensão.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Conclusão do número anterior)

Não demorou muito voltava o Cel. Neves todo sorridente convidando o Dr. Blumenau para acompanhá-lo que o presidente estava a sua espera.

Em pouco, os três sentados no gabinete presidencial conversavam animadamente quando o Marechal Antero, para surpresa do Dr. Blumenau, comentou:

— Dr. Blumenau, o ano passado recebi carta mandada pelo nosso ministro Miguel Calmon, que verifiquei pela correspondência ser seu amigo, não é?

— De fato excelência, conheci o Ministro Miguel Calmon quando ainda embaixador do Brasil na Alemanha e desde então nos tornamos bons amigos, para orgulho e satisfação minha, mas qual o assunto da carta do ministro, excelência?

— Ele remeteu-me anexo a carta um trabalho seu sobre colonização e imigração que achei maravilhoso, extraordinário, tanto que quando dei ao Cel. Neves para lê-lo teve a mesma impressão e até comentou: "Se tivéssemos, presidente, a sorte deste Dr. Blumenau conhecer nossa província, seria excelente". E agora aqui está o Dr. Blumenau para alegria e satisfação nossa, hein Cel. Neves?

— De fato excelência, fiquei maravilhado quando anunciaram-

me o Dr. Blumenau em pessoa.

— Muito obrigado pela distinção que me fazem. Mas então sua excelência gostou de meu trabalho?

— Muito Dr. Blumenau. Mas, a propósito, por que o grande êxodo alemão, Dr. Blumenau?

— Terei que remontar a história de meu país para poder buscar as razões, serei no entanto, sucinto para não tomar seu precioso tempo, Sr. Presidente.

— Mas o que é isto, Dr. Blumenau! Não se preocupe com o tempo.

— Tudo começou excelência, vamos iniciar pelo século XVI, porque seria enfadonho irmos as origens da nossa fundação histórica. Mas, tudo começou com o governo de nosso Imperador Carlos V, que foi de 1519 a 56, e que Lutero, o grande teólogo alemão e seguidor da doutrina de São Paulo e da salvação pela fé, opôs-se aos pregadores que vendiam indulgências, e a 31 de Outubro de 1517, afixou às portas de Wittenberg as 95 teses que marcaram o início da Reforma.

O governo de Carlos V viu-se então com frequência abalado por lutas político-religiosas geradas pela Reforma, que dividiu o Império em duas partes: o Norte, protestante, e o Sul que permaneceu católico.

Depois a guerra dos Trinta Anos, de 1618 a 1648, retalhou a parte setentrional e central do Império, que na época se costumava chamar "As Alemanhas", nome que bem indica o extremo retalhamento dessa região.

Os tratados de Vestefalia de 1648, confirmaram a divisão. No final do século XVII, porém e sobretudo no século XVIII, ocorreu o desenvolvimento do eleitorado de Brandenburgo, logo unido à Prússia, cujo chefe foi reconhecido como rei "na Prússia" em 1701. Então, enquanto a Áustria se enfreqüencia com as guerras de sucessão e dos Sete Anos, o rei da Prússia, Frederico II, transformava esta na primeira potência da "Alemanha". Napoleão I, tendo suprimido o Sacro Império, constitui em 1806, uma Confederação do Reino de que foram excluídas a Prússia e a Áustria. Dissolvida pelo Congresso de Viena em 1815, essa Confederação foi substituída por uma Confederação germânica de 39 Estados, desta vez englobando a Prússia e a Áustria. Desde então a Alemanha seria o campo fechado em que as duas potências iriam defrontar-se cada qual com seus partidários.

Como se pode ver, tudo na Alemanha era, praticamente, dividido e subdividido, em permanente instabilidade político-social, em face das constantes lutas partidárias e que nas ideológicas, que começaram com os protestos de Lutero e ainda hoje, até que o nosso sonho maior, de uma Alemanha forte e unida se realize, não cessará, infelizmente, nosso êxodo, excelência!

— É muito lamentável, Dr. Blumenau! Mas, a que devo sua visita tão agradável?

— Excelência, estou procurando um lugar para pôr em prática tudo que escrevi sobre colonização e imigração.

— Muito bem! Espero, sinceramente, que o encontre em nossa província. Poderá procurá-lo quer no sul ou no norte, notadamente, no vale do Itajaí, do São Francisco e nas proximidades da maravilhosa baía de Porto Belo, ou querendo avançar mais para o interior existem terras, matas e rios caudalosos que bem se adaptam a sua futura colônia, Dr. Blumenau. Quero que saiba que estarei aqui disposto a ajudá-lo de todas as formas confesso, necessitamos muito de aumentar nossa população, decrescente, em face da longa luta Farroupilha, de imigrações muito, especialmente, da alemã.

— Fico satisfeito em saber do seu interesse, excelência, que para mim é de alta valia...

— Falei há pouco ao Dr. Blumenau — o cel. Neves interrompeu a conversa — sobre o fabuloso rio Itajaí-Açu e acredito que lá ele encontrará o local ideal.

— Mas qual o seu destino inicial aqui na província, Dr. Blumenau, já tem seus planos de viagem?

— Já, excelência. Ainda há dias quando fui visitar a colônia de São Pedro, em companhia do conde von der Goltz, no continente ele encontrou um excelente guia, o sr. Manuel da Conceição, residente em Tijucas, que vinha a Desterro a procura de remédio para sua senhora. Conheci-o e já tratamos a viagem até a Vila do Santíssimo Sacramento do Itajaí para meados de abril próximo, ele ficou de procurar-me até o dia 15, para o acerto final de nos-

sa partida. Mesmo porque terei ainda de comprar todo o material necessário, barracas, roupas e mantimentos etc.

— Cel. Neves, na vila do Itajai, nosso amigo o Cel. Agostinho Alves Ramos, o sócio do sr. Anacleto, não tem esses materiais que precisa o Dr. Blumenau?

— O sr. Anacleto está viajando e por isso não o apresentei ao Dr. Blumenau, apesar, de já ter lhe falado sobre o mesmo e do seu interesse, também, de tudo facilitar para o Dr. Blumenau. Amanhã, Dr. Blumenau, nós vamos até a casa comercial do sr. Anacleto e nos informaremos de tudo e talvez lá o sr. poderá fazer suas compras.

— Excelente idéia, Cel. Neves.

— Cel., prepare um ofício para o cel. Agostinho recomendando o Dr. Blumenau e pedindo para tudo facilitar de forma que ele fique por aqui mesmo, para nossa inteira satisfação e alegria.

— Muito agradeço excelência

e espero encontrar as margens do tão falado e afamado Itajai-Açu, o lugar de meus sonhos. Aliás, terei que partir daqui com a lua cheia, segundo falou o guia Manuel, porque sairemos de madrugada e a noite chegaremos a vila. Na viagem passada não tive muita sorte com o guia porque perdemos muito tempo e a chuva que apanhamos agravou meus males. Desta vez espero que tudo corra bem.

— Dr. Blumenau, temos lua cheia agora em pleno outono no dia 22 de abril, isto é no mês que vem.

— Então partiremos daqui, o mais tardar dia 21, segundo pediu-me o guia Manuel.

FIM

NR: Esta obra que hoje terminamos de publicar, tem continuação no livro já editado, do mesmo autor, "História Romanceada de Blumenau e do seu Fundador" — Fundação "Casa Dr. Blumenau" — 1981 — com 216 páginas.

DIÁRIO DE VIAGEM DO IMIGRANTE PAUL SCHWARTZER

(Continuação do número anterior)

Assim eu vivia aqui em solidão campestre. Muito satisfeito, eu trabalhava minha terra, cuidava dos meus animais, cozinhava, dava aulas e celebrava todo domingo o culto; isso tudo me parecia bastante bom, apesar de que o pessoal às vészes falhava com os mantimentos, de modo que meu almoço consistia em nada mais do que batatas cozidas em sal, mesmo assim eu agradecia a Deus por isso, porque Ele me conservava o bem mais nobre, constantemente, a saúde.

Mas agora minha vida inofensiva e calma em breve iria ser perturbada e para isto contribuiu uma reunião da comunidade a qual se deu a 9 de agosto de 1863, como provocação; é que deveria ser deli-

berado sobre o meu futuro sustento e o aumento das anuidades escolares que eu requeria; existiam entretanto na comunidade dos pomeranos caracteres bem indignos, para os quais eu era há muito tempo um "espinho nos olhos", antipático, em parte por causa de minha religião católica e em parte também porque eles deveriam contribuir com alguma coisa para o meu sustento.

Estas pessoas, entre os quais se destacava especialmente um por sua crueldade, começaram a se queixar de que eles mesmos estavam endividados e ainda tinham que dar sempre para mim. Resumindo eles me davam a entender que também ficariam muito bem sem escola; assim, por exemplo, um deles teria dito: "Nossos filhos sabem que não devem matar ninguém, e é o que eles precisam saber mais".

Contra isto estão muitos, talvez a maioria, que desaprovam esta encenação e querem me persuadir do meu propósito de desistir do meu cargo, o que sempre me traz um verdadeiro consolo, enquanto eu mesmo vejo assim que entre esta gente ainda há pessoas bondosas que tomam partido no meu destino; especialmente é este o caso do meu vizinho de nome Reichow. Nestas pessoas eu encontro meu refúgio e também vou cada noite visitá-los, eles me ajudaram em tudo no que puderam ser úteis e já me fizeram muitos benefícios. Mesmo assim estou irredutível na minha resolução; entretanto somente espero a próxima carta dos meus queridos pais, para tomar medidas para minha partida e experimentar minha sorte em outro lugar, mas meus pais me devem escrever se eles estão com a firme vontade em vir para cá. Então eu preciso por certo ficar no meu cargo até a chegada deles.

Sexta-feira, 4 de setembro de 1863

Hoje concluí o plantio de batatas; plantei 2 sacos, também semeiei ainda um pouco de cevada, a qual, como o trigo e o centeio, já estão verdes.

Segunda-feira, 21 de setembro de 1863

Recebi a segunda carta dos meus queridos pais na qual eles me comunicam que eu posso esperá-los pelo Natal ou Ano Novo.

Quanto me alegraria agora estar novamente reunido com eles! Ainda assim comove-me desagradavelmente não poder agora abandonar esta região e meu cargo entre esta gente ruim, mas quero conformar-me e consolar-me com a esperança de uma breve reunião.

Sexta-feira, 2 de outubro de 1863

Ganhei 13 pintinhos. Havia colocado sob a galinha choca 17 ovos, dos quais 4 estavam podres; além disto havia 2 pintinhos juntos que tinham os pés virados (a sola para cima) que eu precisei sacrificar e um a galinha esmagou, de modo que agora ainda vivem 10 e os quais me dão muita alegria.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

Arranjei também um gato; enquanto isto abati um porco. O outro quero cevar até a chegada dos meus queridos.

Quinta-feira, 22 de outubro de 1863

Hoje está devastando aqui um assustador Pampeiro (17) como ainda não aconteceu desde que aqui cheguei. Já destelhou muitas casas e quebrou árvores grossas. Penso hoje muito nos pobres viajantes no mar. Que angústias estes devem suportar hoje e peço a Deus que Ele guarde os meus queridos de uma tormenta destas; mas eles nada têm ainda a temer desta tempestade, pois ainda não estão no seu alcance.

Mas quero anotar uma pequena aventura que me aconteceu há pouco tempo: quando eu voltava um domingo à noite dos Rheinbrecht.

Seria pelas 10 horas, e já estava sobre minha plantação. Vi atrás de um toco de árvore, perto da escada, um animal preto (gambá), o qual entretanto não notei em tempo suficiente para evitá-lo, pois ele jogou no mesmo instante seu suco de cheiro terrível, que é tão forte que pessoas de nervos fracos podem desmaiar com ele, e as vestes que são tocadas por este suco guardam o cheiro abominável muito tempo ou nos piores casos, ficam imprestáveis. Seria o caso de serem enterradas durante alguns dias com o que o cheiro se perde. Mas se este suco acerta o olho dá-se imediata cegueira. Eu ainda saí-me bem, pois o animal me acertou com a sua urina a qual ele soltou de si com um ruído característico, enquanto batia fortemente com o rabo; mesmo assim minhas roupas pegaram o mau cheiro. O animal tem a altura de um coelho; porém é mais curto, e bem preto, tem uma faixa clara ao longo das costas, seu rabo é preto e espesso. Outra ocasião, quando arrumava a cama à noite, achei um escorpião, no qual, por castigo pelo atrevimento, enfiei uma agulha no corpo e o prendi à porta.

Sábado, 31 de outubro de 1863

No dia de hoje meus pensamentos estão especialmente com os meus queridos e desejaria pudesse passar o dia em seu convívio onde já passei tantos aniversários felizes. Pois aqui não há pessoa alguma que me felicite pelo dia de hoje.

Para minha alegria, entretanto, nesta manhã, pelas 9 horas, minha cabra deu leite o que muito me satisfiz, e como ela tem uma cabritinha tão bonita, me alegrei. Embora tenha somente poucas horas de vida já dá saltos bem dispostos. Se fosse um macho eu o teria morto.

Assim melhora em minha casa sempre mais, pois agora tenho leite e não preciso mais tomar café preto. Parece que minha cabra vai dar muito leite. Já a ordenhei uma vez e estou muito satisfeito com o resultado.

Domingo, 8 de novembro de 1863

Veio novamente o pregador Schmidt e celebrou na escola local o culto, batizou 3 crianças e uniu 4 pares de noivos. Neste culto estavam muita gente de fora, inclusive Rheinganz que me fez o seguinte

(17) Vento dos pampas.

oferecimento: cuidar para ele dos seus numerosos negócios aqui, para o que me pagaria um salário. Aceitei o seu oferecimento.

No mesmo dia fui convidado para um batisado (ou melhor para uma comilança de batisado) e foi no colono Blank.

Sábado, 14 de novembro de 1863

Hoje enviou-me F. Rbeigantz o livro e instrumento do Baunscheiotismus pelo preço de 20 mil réis, em consignação.

Fiquei muito contente com isto porque sempre quis possuí-los.

Dediquei-me em seguida, com todo afinco, ao estudo desta arte curativa e fiz o primeiro tratamento no meu vizinho Reichow o qual sofria de reumatismo nas costas e no ombro e após uma única aplicação ele foi aliviado do mal. Então iniciei o tratamento em uma mulher que está apenas há poucas semanas nesta terra e sofria de inchação de ambas as pernas, as quais tinham um aspecto assustador, mas já depois de uma aplicação do despertador da vida, ficou **consideravelmente** melhor e espero que após a segunda ela esteja completamente restabelecida. Como estou me convencendo que este método curativo é realmente bom, quero fazer uso deste com toda dedicação para o bem dos meus semelhantes e com a ajuda de Deus proporcionar a muitos sofredores a cura e o alívio.

Domingo, 29 de novembro de 1863

Esteve novamente aqui para celebrar o culto o pregador Schmidt, ao qual os pomeranos irão pagar a partir do Ano Novo, um salário fixo. Os cultos estão mais concorridos.

Nos dias 10, 11 e 12 de agosto, foi derrubado um pedaço de mata na terra da escola e o mesmo foi queimado que no domingo 22 de agosto.

No dia de hoje eu soube através do Rheinbrecht que os pomeranos, aos quais, por causa de minha religião, sou antipático, falaram com um homem que desceu de São Leopoldo e que aqui nas picadas mais adiante é o mestre-escola, gostariam de colocá-lo no meu lugar, ainda mais que este se ofereceu para limpar e plantar o pedaço de terra que há pouco tempo foi desmatado e queimado.

Domingo, 6 de dezembro de 1863

Hoje à tarde a comunidade se reuniu novamente para deliberar se a terra seria limpa por todos.

O resultado da reunião foi o seguinte: que a comunidade não queria limpar (jogar a lenha em montes) a terra e caso eu permanesse na minha resolução de não limpar a terra e continuar professor, o outro professor seria empregado aqui. Porisso vieram na **Segunda-feira, 7 de dezembro de 1863** os três representantes da comunidade visitar-me para me comunicar a resolução da comunidade. Disseram-me que seria melhor se eu ficasse aqui. Como entretanto não quero

MAJU	Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.
-------------	--

de modo algum, pedi que não levassem a mal e que arranjassem um outro professor para que o pedaço de terra questionado não permanecesse inculto e eles também tivessem um professor. Eu estava de acordo com isto e só pedi para morar aqui na casa da escola até minha partida, após a colheita de todos os produtos plantados e semeados por mim, o que foi concedido. Irei ainda hoje comunicar o acordo ao Rheingantz. Assim, pelo Ano Novo, experimentarei minha sorte em outra região, depois de ter morado quase um ano neste lugar. Onde o Ano Novo me encontrará?...

Terça-feira, 8 de dezembro de 1863

Soube hoje que os pomeranos receberam como resposta do outro professor que só poderia vir dentro de um ano, e isso porque pessoas de lá são fiadores dele junto a Rheingantz, ao qual ele deve.

Agora os pomeranos não têm, como castigo, por seu mau comportamento para comigo, nenhum professor.

Sábado, 12 de dezembro de 1863

O regedor da comunidade pomerana recebeu uma carta de Rheingantz, na qual este os aconselha a se esforçar para conservar-me como professor, isto, porque os pomeranos nunca mais conseguirão um professor tão barato; também seria muito desagradável para Rheingantz, caso eu desistisse da escola, porque esta já era conhecida por toda a região como a escola principal da colônia e assim por diante.

Domingo, 13 de dezembro de 1863

Os pomeranos visitaram-me outra vez e pediram-me muito para que eu desistisse de minha resolução em viajar, mas não alcançaram seu objetivo. Tudo foi infrutífero, pois eu lhes esclareci que agora não poderia ficar de modo algum, porque fiquei convencido de que meus queridos pais não virão para cá.

Há alguns dias recebi uma carta de Rheingantz, na qual ele participou-me que no dia 14 de outubro o navio sueco Albyn havia saído com passageiros e enviava-me ainda a relação dos passageiros, entre os quais, no entanto, não encontrei os nomes dos meus pais.

Dai eu haver iniciado a venda dos meus animais e minhas coisas para, após o Ano Novo, reiniciar minha viagem.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Achegas à História de Gaspar

frei Elzeário Deschamps Schmitt, OFM. — Blumenau

Foi surpresa e prazer encontrar numa calçada de Blumenau a "Gazeta do Vale", sinal vivo da presença de Gaspar na comunidade catarinense da comunicação.

É gloriosa faina — mais faina do que glória — manter um jornal em cidade pequena.

Tenacidade de propósitos e, a um tempo, suficiente flexibilidade deverão unir-se para que o pequeno jornal e seus humildes redatores encontrem os meandros certos por entre a massa pesada dos acontecimentos — pesada até mesmo em pequenas comunidades — e as exigências nem sempre justas de um jornalismo impaciente. O avanço esmagador dos meios de comunicação mais poderosos, monopolizando o interesse de quem ouve e de quem neste País ainda lê, chega a tornar inútil, infelizmente, o esforço imenso de quem lança um pequeno jornal em sua terra por amor à sua terra, inútil porque não encontra aceitação suficiente que permita a sobrevivência para além de poucos anos, se a tanto chegar. Nas bancas da terrinha, abarrotadas de periódicos de ícra, brilhantes e ricos, não há lugar para o jornal da terrinha. E se lugar houver, aí mofa. Tolstoi disse: "Se você quiser ser universal, cante sua terra". Muitas pessoas não amam sua terra. Há um cosmopolitismo balofo e por ve-

zes cinico, falseado na raiz, de pessoas que teimam em ser apátridas. E acham isso muito bonitinho. São incapazes de trazer um tijolinho para a construção ou o crescimento de sua terra. Um pequeno jornal não tem poder nem dinheiro. As mais das vezes arrosta as vagas do negativismo unicamente com o remorso forte do idealismo de uma pessoa, ou de um grupo de pessoas. Em tempos de egoísmo mais agudo, tais pessoas são extremamente necessárias no lugar. E quanto mais preparadas estiverem para a responsabilidade, tanto mais necessárias se tornam. Supõe-se, naturalmente, que seu jornalismo, por modesto que seja, se revele construtivo. Que o pequeno jornal honre a comunidade, e não faça o contrário. A valorosa Blumenau, que no fim do século estará lembrando o sesquicentenário de sua fundação, já teve várias dezenas de pequenos jornais, uns em português, outros em alemão, todos de vida efêmera, uns mais, outros menos. Os próprios nomes desses jornais — é uma lista impressionante — assinalam, geralmente, seu programa dentro da comunidade. Alguns eram apenas humorísticos. Outros eram apenas negativos, de missão inglória. Em Gaspar também deve ter havido alguns. Lembro-me de "O Gasparense", dos anos 22, fruto dos sonhos de Alba-

no Pereira da Costa, que muitas vezes pagava do próprio bolso papel e impressão. Esse idealista usava o jornalzinho como pára-vento para, de frente erguida, poder enfrentar a tempestade do desinteresse. Não resistiu mais do que oito anos. É muita idade para tal tipo de imprensa deses- perada. Geralmente, todo o pro- blema está em que as pessoas não amam sua terra. Alguns dizem que a cidade deles não tem histó- ria. Fingem ignorar que nunca é tarde para começar a fazer essa história, para que ela possa ser escrita. Não existe cidade sem história. A pequena Colônia de São Pedro de Alcântara, da qual falaremos mais adiante, e de on- de vieram muitas das melhores forças de Gaspar teve e tem — e muitas pessoas em Gaspar vi- vem ignorantes deste fato, histó- rico para elas —, hoje é um lugar- zinho perdido na geografia do Es- tado, mas tem sua história feita e escrita, completa. Quando em Joinville e Blumenau o sesquicen- tenário da imigração germânica em Santa Catarina colheu de sur- presa a todos os que julgavam in- separável da sua espantosa prio- ridade social e econômica e prio- ridade cronológica da imigração alemã no Estado, prioridade que não lhes cabe, os três maiores jor- nais catarinenses (“O Estado”, “A Notícia”, e o “Jornal de Santa Catarina”), sensatamente, ocor- reram à pequena vila no municí- pio de São José, para a festa histó- rica, espanto na “grande” Join- ville e na “grande” Blumenau. O fato (1979) serve apenas para provar como a desinformação gera equívocos, e como o amadoris- mo em História gera imperdoável confusão.

Nos meus estudos catarinen- ses, ocupei-me de Gaspar somente por extensão. Não sou gasparen- se. E explico. Quando ousei a aventura de embrenhar-me no ci- pocal da gênese da Primeira Comu- nidade Germânica em Santa Cata- rina (São Pedro de Alcântara), notei logo que as duas famílias do meu maior interesse sentimen- tal e histórico, haviam-se ramifi- cado, muito cedo, em direção ao Vale do Itajaí: condições ingratas de terreno e comunicação, mal de- corridos os primeiros cinco anos na colônia de origem, pouco a pouco foram trazendo boa parte daquelas famílias desiludidas mais para perto do grande rio, umas por vontade espontânea, outras por aliciamento, umas já do primeiro grande grupo ali instalado em março de 1829, outras saídas de grupos que depois de 1829 se haviam fixado em São Pedro de Alcântara ou nas imediações. A fenomenal desilusão só não levou à extinção completa da primeira comunidade alemã em Santa Ca- tarina, porque alguns bravos re- solveram resistir ali mesmo: pos- suidores duma religião de raiz, confiavam também no seu pró- prio vigoroso braço. Mas esta é uma outra história. A monogra- fia foi lançada pelo Governo do Estado em carinhosa edição, e dis- tribuída em São Pedro de Alcân- tara no dia da festa memorável. É simplesmente o 3º. capítulo do livro “A Casa dos Jasmins — Crô- nica de uma Família Catarinense”, lançado em 1975, hoje impossível de ser encontrado (1).

Assim, fica explicado que os fatos históricos ligados à genea- logia do meu interesse conduzi- ram o estudioso de São Pedro de Alcântara até Itajaí e Gaspar. E

exatamente no número de "A Gazeta do Vale", acima citada (entrega de 19/4/84), há um artigo intitulado: "Gaspar 50 Anos de Progresso". Ali, com referência à história de Gaspar e à procedência das primeiras famílias não lusas estabelecidas em Gaspar, encontro uns conceitos muito avançados, creio que historicamente inválidos. Vou detalhar apenas cinco pontos, para facilidade de julgamento dos que não leram o jornal. No artigo em apreço se afirma:

1. — Que o Dr. Blumenau subiu o rio Itajaí-Açu "a primeira vez" em 1850. Depois, o artigo diz que ele subiu o mesmo rio em 1848. Assim, "a primeira" não pode ter sido em 1850... O fortuito leitor ávido de informação já se decepciona de entrada.

2. — que a Lei Provincial N.º 509, de 25/4/1891, criou o distrito de São Pedro Apóstolo de Gaspar. A Lei, na realidade, não é de 1891, mas de 1861, e ela não criou distrito, mas criou a Freguesia, o que não é a mesma coisa. Como no Império não havia separação entre Igreja e Estado, o primeiro é que fixava os limites de uma determinada circunscrição eclesiástica, e a isto chamava de freguesia.

3. — que a paróquia de Gaspar sempre esteve subordinada à diocese de Joinville. Não é exato. A existência da paróquia de Gaspar é bem anterior à criação da diocese de Joinville, esta criada em 1927. Antes que Santa Catarina tivesse sua primeira (e até agora única) Arquidiocese, Gaspar, como todas as paróquias do nosso Estado, subordinava-se à jurisdição do bispado de Florianópolis (criado em 1908). Antes disto,

sucessivamente, aos bispos que tinham jurisdição sobre o Estado de Santa Catarina: recuando cronologicamente, Curitiba, Porto Alegre, São Paulo. A paróquia de Gaspar só está subordinada ao Bispo de Joinville desde a criação desta diocese.

4. — que o viajante médico Avé Lallemand era belga. Era alemão nascido em Luebeck, no ano de 1812 falecido na mesma cidade em 1884 (2).

5. — Finalmente, a "questão belga". Nosso jornalista da "Gazeta do Vale" parece tomado de verdadeira obsessão pelos "belgas". Fala de "um povoado de belgas" na Figueira, "procedentes da antiga colônia de São Pedro de Alcântara..." Afirma ainda: "Ao contrário do que muitos pensam, os primeiros moradores de Gaspar não eram alemães: eram belgas..." E ainda: "...os relatos de Avé-Lallemand, belga, ... mostram claramente (!) que as famílias estabelecidas em Gaspar procediam da Bélgica, como também as famílias estabelecidas em São Pedro de Alcântara." E remata sua incursão pela Bélgica: "...há (em Gaspar) sobrenomes alemães, mas há juntamente (!) com eles sobrenomes franceses (Castellain, Durieux, Deschamps). Tais sobrenomes aparecem também em São Pedro de Alcântara... O resto é fantasia (!) e mal-entendido..."

Vamos por partes.

Não podemos transformar em historiadores, muito menos em estudiosos de genealogia, os viajantes alemães que na segunda metade do século andaram aqui pelo Sul, em missão oficial. Robert Avé-Lallemand e seu detrator Johann Jacob von Tschudi (3)

eram turistas. Suas viagens, seus contactos com pessoas, suas opiniões pessoais sobre a terra e a gente, são crônicas de passeio. Podem ajudar o historiador, mas não são História. Avé-Lallement, por exemplo, chega a chamar de "belga" a um dos ancestrais do cronista da "Gazeta do Vale": Nicolau Deschamps. A tal "historiador" não podemos pedir se a referência atinge Nicolau Deschamps Pai (1785-1887) ou Nicolau Deschamps Filho (1817-1880), ambos na época vivos na região de Gaspar, e ambos alemães natos, vindos de São Pedro de Alcântara para Gaspar (4).

Mas o que é que está havendo com a Bélgica em Gaspar?

Na Universidade Católica de Lovaina, o professor que nos deu a primeira aula de História da Bélgica (obrigatória também para estudantes estrangeiros) afirmou que a Bélgica politicamente no mapa da Europa desde 1813, era uma criação da diplomacia europeia, e nada mais: Estado-Tampão "necessário" entre os velhos rivais Inglaterra e Alemanha. Isto ele não disse, mas todos os estudantes compreenderam. Assim, num pedaço de geografia três vezes menor do que o Estado de Santa Catarina, criou-se há 170 anos um Estado artificial, composto de duas etnias, praticamente inimigas, até hoje com graves problemas de convivência: ao norte, os flamengos, que falam **uma língua germânica**; ao sul, os valões, que falam francês. É o que se chama um país bilingue. A Colônia Belga, que o engenheiro Fontaine e Lebon van Ledé fundaram perto da foz do Itajai-Açu em 1845, era uma colônia flamenga;

falavam o flamengo como sua língua materna (embora conhecessem o francês); composta inicialmente de 90 pessoas, às quais logo se juntaram mais 60. Jacintho de Mattos, em seu livro fundamental, afirma que em 1860 esta colônia já estava mais ou menos extinta, passando a confundir-se com outros agrupamentos étnicos (5). Tschudi chega a dizer que certo número de famílias voltou à Bélgica já depois de 2 anos, e quer ter constatado ali, ainda em 1860, umas 200 pessoas, entre elas famílias alemãs (6).

Não possuo provas históricas, por que não estudei a história de Gaspar. Mas quero indicar ao historiador de Gaspar, que espero já tenha nascido, a pista desta colônia flamenga, a não muitos quilômetros de Gaspar; Não cedeu dali, a partir já de 1886, o fluxo de famílias belgo-flamengas, mais rio acima, as quais hoje, volvidos 140 anos, possuem em Gaspar seus distintos e laboriosos descendentes de quarta e quinta geração? Consultem-se os livros preciosíssimos de batizados e de casamentos da paróquia de Gaspar, principalmente os de nº. 1. Não podemos improvisar a História. Precisamos estudar. A história de Gaspar não pode ser escrita errada! De São Pedro de Alcântara não veio para Gaspar nenhuma única família belga. O motivo é simples: em São Pedro de Alcântara não existiu nenhuma única família belga. Ali, o recenseamento oficial de setembro de 1930, menos de dois anos depois de estabelecida a colônia, acusa a presença de 99 famílias, nome por nome, mais umas pessoas viúvas e alguns sol-

teiros autônomos. Não havia belgas, nem de expressão francesa, nem de expressão flamenga. Todas as famílias, embarcadas no porto de Bremen, em dois navios, depois de várias peripécias sofridas já na Alemanha, procediam da região do rio Mosela, afluente do Reno, e falavam seu dialeto renano, diferente do dialeto do "Hundsruock", região mais ao norte, de onde vieram numerosas famílias, anos depois da primeira imigração alemã (7).

Por motivos já várias vezes analisados em livros e jornais, um número substancial daquelas primeiras aproximadamente 130 famílias alojadas em São Pedro de Alcântara e nas imediações já menos de dois anos depois reduzidas a 99 (8), começaram a abandonar a colônia. Acontecia mesmo que de uma só família, alguns filhos ou irmãos ficavam, outros emigravam: faltava espaço, ou trabalho, ou comida. Dos que vieram, aliciados ou espontaneamente, para os lados do rio Itajaí, alguns se estabeleceram na "Vila do Santíssimo Sacramento da Barra do Itajahy Grande", citada por Tschudi (9), outros, subindo mais umas léguas, procuraram a foz do rio Gaspar Grande e a do Gaspar Pequeno, o curso destes mesmos rios, ou a margem esquerda do Itajaí (Alto e Baixo Belchior), ou a estradinha Itajaí acima (Figueira). Não mais do que 10 anos depois, fracassada a Colônia Belga já citada, começaram a subir o rio também algumas daquelas famílias de flandres, misturando-se em Gaspar aqueles

flamengos aos alemães chegados antes deles, pois os "belgas" não podiam estar em Gaspar antes de 1845, ano em que os alemães ali já se encontravam há mais de 10 anos. Afirmar que "belgas" foram os primeiros moradores de Gaspar é uma temeridade histórica. Já porque na mesmíssima região havia, como não podia deixar de ser, bem antes dos de etnia norte-européia, os moradores lusos: pescadores, peões de fazenda (10), colonos. O elemento de origem portuguesa em Gaspar sempre foi muito acentuado. Digo sempre, pois quem foi que estudou o verdadeiro começo? Famílias distintas e famílias simples têm presença maciça já nos primeiros (e mais preciosos) livros de batizados, casamentos e óbitos da paróquia ao lado dos alemães e dos flamengos. Assim estes mesmos livros paroquiais são muito necessários para qualquer estudo sério que se queira fazer sobre as origens da cidade de Gaspar. São um espelho perfeito das origens da população. Cruzam-se neles os patronímicos mais diversos de famílias muito numerosas, das três origens étnicas básicas da comunidade: a lusa, a alemã, a flamenga. (A presença dos "belgas" só pode ser entendida como sendo flamengos, isto é, e repito, de expressão não francesa. A Colônia Belga foi de flamengos, que falam umas das línguas do tronco germânico: em Gaspar, não foi difícil esses "belgas" se entenderem com os alemães e passarem a falar a língua deles). Nos citados livros da paróquia, as velhas tintas não conseguiram apagar

E. A. V. CATARINENSE

Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

milhares de nomes seculares. Dentro de encadernações novas e bonitas (o que prova o zelo dos padres franciscanos pela história de Gaspar), convivem nesses livros, na santa paz de Deus e dos homens, ao lado dos mais honrados sobrenomes lusos, também os Schram, os Hoeschl, os Zimmermann, os Palm, os Schmitt, os Deschamps, os Schneider, os Miller (ou Mueller), os Bins (corruptela "Pinz"), os Ostermann, Eberhardt, Treis, Pitz, Marthendhal (Mariental), Reinert, Spengler, Conrad, Manes, Menschein, Petres (corruptela de Pêtri, ou Pêtry), Haendchen (Hänschen), Bornhausen, Goedert, Sabel, Klock, Bohn, Buehler, Brick, Reiter, Bugmann, Knecht (estas duas são famílias suíças), Weisshaupt, Mai, Stieler, Imhof, Junkes, Koerich, Koser, Schaefer, Schmitz, Theiss, Wehmut, Werner, Dahlen, Jaeger, Isensee, Kraemer, Reitz, Wagner; mais De Fawe, van Daele, Maes, van de Borke, Mortir, Koekuit, van Der Hecht, De Smet, Kemperdick, Garnier, van Der Bosche, Hostyens (parece-me que a família Hostin tem raízes flamengas) e, van Zuit. (Este patronímico acusa em Gaspar diversas variantes: Vanzuita, van Zoite, Wanzuit, Wanzuita. A preposição de ligamento "van" — em alemão "von", em português "de" — é própria do flamengo e do holandês. É mesmo exclusiva desses dois povos, que falam a mesma língua, com poucas variantes). Há hoje em Gaspar, ainda, numerosos nomes italianos. Estas famílias estão integradas à comunidade faz muitos anos. Ignoro a procedência destas famílias, assim como a época de chegada das primeiras.

Ainda no que diz respeito aos

nomes manifestamente alemães em Gaspar, convém assinalar que essas famílias só em parte são das que vieram da Colônia Imperial de São Pedro de Alcântara, integrantes da primeira leva de colonos alemães, fundadores daquela colônia, em março de 1829. Mais tarde, outros imigrantes alemães subiram para estabelecer-se em São Pedro, ou mais perto dele. Bom número de nomes germânicos dos que hoje existem no município de Gaspar, não são de famílias da primeira colonização alemã em Santa Catarina, a de São Pedro de Alcântara, não constam da listagem. São, portanto, não apenas oriundas de outras regiões da Alemanha, mais ainda de outros lugares aqui do Estado. Porém, os primeiros alemães que vieram para Gaspar foram os de São Pedro de Alcântara, e portanto, católicos, que eram todos os de São Pedro; pois o império só permitia ou colônias exclusivamente de católicos (São Pedro), ou exclusivamente luteranas (Blumenau). Mais tarde é que houve a natural miscigenação, de que Gaspar, inclusive, é uma prova. Dessas famílias de sangue germânico, se não as primeiras, foram das primeiras os Schmitt (Poço Grande) e os Deschamps (Gaspar e Belchior). Dos primeiros, vieram de São Pedro para Gaspar quatro irmãos (Pedro, Adão, Miguel e Jacó). Os outros quatro da mesma família ficaram em São Pedro. Eram netos do imigrante de primeira hora, João Pedro Schmitt, nascido em Brohl (Mosela) em 1791; filhos de João Adão Schmitt, que ficou em São Pedro, onde casou com Ana Maria Bins, em 1837, com a qual já namorara no pró-

prio navio que os trouxe. Os Schmitt de Gaspar, assim como seus irmãos que ficaram em São Pedro, têm para contar uma das histórias mais românticas de toda a colonização. No que se refere aos Deschamps, Nicolau I e Nicolau II, pai e filho, ambos cidadãos alemães nascidos na Alemanha, mas de origem francesa (na Alemanha há muitos nomes franceses), foram ambos de São Pedro para Gaspar, depois de o segundo ter casado em São Pedro com Luísa Ostermann e ter deixado lá o seu filho Nicolau Antônio, único dos Deschamps que saiu da primitiva colônia. Nicolau II tornou-se em Gaspar o patriarca da grande família Deschamps. (Ignoro quantos filhos levou e/ou teve em Gaspar). Faleceu em Gaspar 7 anos antes de seu pai, em 1880. (11).

As notas presentes sobre Gaspar e suas famílias são frutos de estudos. Não tão sérios como Gaspar merece. Por isso, espero poder um dia aprofundá-los.

NOTAS

- (1) — SCHMITT, frei Elzeário, OFM — A Casa dos Jasmims: crônica de uma família catarinense, Brusque, 1975.
- (2) — AVÉ-LALLEMANT, Robert — Reise Durch Suedbrasilien, 2 volumes, Leipzig, 1859.
- (3) — VON TSCHUDI, Johann Jakob — Reisen Durch Suedamerika, 4 volumes, Leipzig, 1866. Esteve em Santa Catarina no ano de 1861. Conhecia a obra de Avé-Lallemant, e nesta província, usou quase o mesmo roteiro do seu
- (4) — Veja-se o 1º. Livro de Óbitos da Paróquia de Gaspar, fls. 31, nº. 39; e fls. 88, nº.3.
- (5) — MATTOS, Jacintho Antônio de — Colonização do Estado de Santa Catarina, dados históricos e estatísticos (1640-1916), Florianópolis, 1917, pág 62.
- (6) — TSCHUDI, obra cit. vol. 3º. — págs. 337-78.
- (7) — MATTOS, obra citada, fim do volume.
- (8) — SCHMITT, obra citada, págs. 24 e ss. Não impede que o Arcipreste Paiva, vigário de São Pedro, em 1844 desse à colônia novamente uma população de 145 famílias; pois durante mais de 70 anos aquela estrada de São José a São Pedro de Alcântara apresentava um vaivem contínuo de colonos: uns arrumando suas trouxas, outros desfazendo as.
- (9) — obra citada, pág. 375.
- (10) — Tanto Avé-Lallemant como von Tschudi falam de fazendeiros às margens do rio Itajaí.
- (11) — No 1º. Livro de Óbitos, folhas 88, nº. 3, Nicolau Deschamps I vem convenientemente assinalado como "natural da Alemanha". Faleceu entre 91 e 92 anos de idade. No mesmo livro, folhas 31, nº. 39, Nicolau Deschamps II também é declarado "natural da Alemanha". Chegou aos 63 anos apenas.

Carta do Dr. Blumeau ao Presidente da Província questiona sobre a divisa da Freguesia de São Pedro Apóstolo

“Ilmo e Exmo. Sr.

Por officio de 14 de agosto V^a. Ex^a. incumbiu ao Diretor da Colônia Brusque, ao Rev^o. Padre Gattone e a mim, de procedermos a verificação das dúvidas que existem nos limites d'Oeste da nova Freguesia de São Pedro Apóstolo e também designar o lugar em que deve ser edificada a Matriz e Cemitério da dita Freguesia.

No mês de setembro tive a honra de participar a V^a. Ex^a., que tinha feito a devida comunicação ao referido Diretor e esperava pela sua chegada. Este porém se retardava, caindo enfim gravemente enfermo o mesmo diretor e assim não podia fazer mais cedo o meu relatório sobre o assunto indicado. No entretanto o Snr. Padre Gattone me procurou e insistia em que, sem esperarmos pelo Snr. Barão Schneeberg, procedêssemos a solução da questão, por V^a. Ex^a. posta. Não julgue porém oportuno tal expediente, visto a ordem de V^a. Ex^a., que o Snr. Schneeberg seja membro da comissão e ainda porque ingrato ao que nela haja uma pessoa, que com espírito imparcial e não influido por interesses quaisquer avalia todos os lados da questão.

Faz oito dias procurei enfim ao Snr. Padre Gattone, para com ele conferir e designemos de acordo o lugar da futura matriz e do cemitério da nova freguesia. Não porém sem certa admiração que recebi a comunicação verbal do mesmo Rev^o. Padre, de que ele já havia prestado o seu relatório à V^a. Ex^a., sem fazer-me comunicação alguma, e que ele pedira como limite oriental do Distrito de Paz desta colônia, e ocidental da nova freguesia na margem do Sul do Itajaí, o ribeirão dos Bugres. Não podendo nós chegarmos a um acordo sobre o assunto vejo-me na necessidade de apresentar à V^a. Ex^a. o meu parecer em separado.

A lei, que cria a nova freguesia, determina como limite ocidental no lado Norte do Rio Itajaí ao ribeirão da Praia Grande, na de Sul a propriedade de Luiz Scheffer (e não L. Scheffer).

Quanto a este último limite, que ao mesmo tempo o é da povoação desta colônia, parece não existir dúvida alguma, do que se deva entender da dita propriedade. Mas, o Snr. Gattone, possuído do desejo de alargar o quanto for possível a extensão a nova freguesia e do seu círculo eclesiástico, que aliás de si mesmo se estende sobre esta colônia, enquanto não for erigida em freguesia, e não tomando em consideração alguma as necessidades e conveniências do serviço público do juízo civil, policial até, nem os interesses, as conveniências

e até vir designadas pessoas interessadas, que lhe são ou parecem muito subordinadas e pouco importantes, estende este limite não somente **inclusive** a propriedade de Luiz Scheeffer, mas ainda quer fixá-lo no ribeirão dos bugres. Desta maneira ficarão desmembrados desta **povoação** três sortes de terras e o limite havia de ser distante do centro da povoação umas 300 braças! É evidente, que assim não deixaria de haver continuos conflitos, visto que o povo das imediações desta povoação e os próprios habitantes dela se acham em diárias relações e negócios com o centro da mesma.

Os limites, tanto o determinado na lei, que coincide com o da povoação, como ainda mais o que é proposto pelo Rev^o. Padre Gattone são pouco convenientes tanto aos diferentes serviços públicos, como aos mais importantes interesses e conveniências do povo circunvizinho.

Na banda setentrional do Rio Itajaí é o limite fixado no ribeirão da Praia Grande. Esta praia se acha exatamente defronte do centro da povoação; umas 100 braças abaixo dela se acha um regatinho, e mais 100 braças um outro. Ambos são fios d'água, que em distância de 150 a 200 braças da sua embocadura no rio se perdem nos vizinhos nossos e em tempo seco quase não tem água alguma. Não são pois ribeirões, nome que os promotores da nova freguesia lhes deram por eufemismo e até agora ninguém nesta parte do rio conhecia um ribeirão da Praia Grande. A lei não diz, qual dos dois regatinhos deve ser o genuíno. Cada um destes regatos como ainda o ribeirão dos Bugres oferecem ainda o inconveniente, facilmente a evitar, de partirem no meio ou em duas partes as sortes de terras dos respectivos proprietários, das quais uma tem 150 e a outra 200 e tantas braças.

A lei se esqueceu, de determinar, como os limites, adaptados na margem do rio, se continuam ao interior: omissão esta, que não deixará de em breve causar conflitos de jurisdição entre as diferentes autoridades, e muito convém remediar.

E por este lado também os limites estipulados na lei, são pouco convenientes. Os regatinhos da banda setentrional do rio acabam em distância de poucas braças do barranco e se perdem nas nossas: o ribeirão dos bugres, proposto como limite pelo Sr. Gattone muda logo da direcção da sua corrente e aproxima-se com as suas nascentes ao barranco do rio: enfim o limite da propriedade de Luiz Scheeffer prolongado em linha reta, como devia ser, coloca no meio um núcleo volumoso dessa população e que desemboca quase no centro da povoação.

Havia de dar-se pois a singular anomalia, de que uma parte do povo para chegar à sua nova freguesia, não tem outro caminho senão pela povoação a que até agora perteceram.

Por um exato mapa, que em breve terei a honra de apresentar em pessoa à V^a. Ex^a, melhor ressaltará o que acima resumi.

Se agora ousar enviar a minha opinião sobre limites mais convenientes da nova freguesia com o Distrito de Paz dessa colônia tenho em mira sobretudo os interesses e conveniências dos diferentes ramos do serviço público, a remoção do perigo de imediatos conflitos,

que são inevitáveis quando os limites são fixados ao pé e até dentro de uns cestentos da população e enfim os legítimos interesses, desejos e conveniências materiais de muitas famílias implicadas na questão. Os interesses e conveniências espirituais e eclesiásticas de nenhum modo podem ser prejudicadas porquanto como já disse, o distrito de paz dessa colônia pertence à mais próxima freguesia, que é a novamente criada, a respeito das funções do sacerdote da religião do Estado.

Proponho pois os seguintes limites: Na banda do Norte do rio Itajaí a linha divisória entre a antiga data de Jorge Wagner, hoje Pedro Wagner e a dita desta de Pyloestor Moreira, hoje Deschamps e Altemburg, prolongada até as próximas nossas e, seguindo no espinhaço deles até encontrar os cestentos do ribeirão do Arraial e seus afluentes, que ficarão pertencentes à nova freguesia, de um lado e do outro lado os dos ribeirões que nascem na data de Jorge, hoje Pedro Wagner, Ribeirão do Belchior e do da Itoupava que continuarão de pertencer ao distrito de paz da Colônia Blumenau: (Pela linha divisória, a insignificante diferença de cento e tantas braças é exatamente a mesma como foi determinada para confrontar o território privativo desta colônia sujeito a regulamento especial do governo. As famílias assim aglomeradas da nova freguesia ou antes que continuam de pertencer ao seu primitivo distrito constam de tais questões na maior parte de alemães, que pertencem a religião evangélica).

Na banda do Sul do rio Itajaí proponho o limite oriental do antigo e extinto arraial do Belchior, prolongando em linha retila para o interior: (onde hoje entra num vasto terreno pantanoso, que forma boa divisa natural. A população igualmente consta que se em 3/4 partes de alemães, dos quais muitos oriundos desta colônia e quase todos pertencentes a religião evangélica:).

A nova freguesia assim teria uma extensão de quase uma légua de menos, ficando-lhe contudo ainda cinco léguas pouco mais ou menos ao longo do Itajaí grande, e ainda mais no Itajaí Mirim, inclusive a Colônia Brusque com quase 700 almas. O distrito de paz da Colônia Blumenau porém não ficaria tão desastrosamente, tanto contra os interesses e desejos de grande parte de seus habitantes, mutilado, como o determina a nova lei, e não existiria imediatamente ao pé ou até no meio da sua povoação o limite e com ele continua a eclosão de conflitos e muitos crimes.

Deos guarde a V^a. Ex^a. — Colônia Blumenau, 16 de Novembro de 1861.

Ilmo. e Exmo. Snr.
Dr. Ignácio da Cunha Galvão
DD. Presidente da Província

O Diretor
Dr. Blumenau"

CENTRO CULTURAL 25 DE JULHO DE BLUMENAU

A dinâmica sociedade cultural blumenauense da rua Alberto Koffke divulgou, em março, o seguinte relatório de sua Diretoria que vale a pena ser publicado em "Blumenau em Cadernos":

"Ser um presidente realizador de uma Sociedade nunca foi brincadeira. Foi e será sempre uma missão difícil de cumprir. No C. C. 25 de Julho de Blumenau nos últimos dois anos, esta missão tornou-se cada vez mais pesada e desanimadora, tantos são os obstáculos a se levantar em nossa frente.

Neste final de mais um mandato presidencial, junto com o Relatório da Diretoria, sinto no dever de fazer um amplo comentário sobre o C. C. 25 de Julho, pois nós temos a certeza, de que a grante maioria dos sócios, não toma conhecimento como se desenrola o dia a dia da nossa Sociedade.

Nosso Patrimônio Material

Aqui todos os anos temos necessidade de investir grandes somas na conservação de nossos bens imóveis. A nossa área de terra é constantemente ameaçada pelos desbarrancamentos, causados pelo Ribeirão da Velha, e portanto grandes somas já foram gastas no enroncamento das margens com pedras. Em junho de 1982, tivemos enormes prejuízos com o vendaval, que causou grandes danos em nossa sede. Quando tínhamos conseguido a completa restauração, já uma outra catástrofe, ainda maior, nos aguardava. Em Julho de 1983 a grande enchente, que atingiu nos-

sa sede, causou danos incalculáveis em móveis e utensílios, bem como na própria sede em geral.

Graças à ajuda financeira que recebemos do Governo Estadual e de alguns sócios por ocasião do vendaval, bem como de sócios, simpatizantes daqui e do exterior, e de sociedades amigas de Porto Alegre e São Paulo, quando da enchente, conseguimos em pouco tempo colocar a nossa sede novamente em condições de uso. No espaço de tempo entre vendaval e enchente, tivemos até condições de começar a reforma e ampliação do "galpão de festas", obra que fomos obrigados a paralisar, para dar preferência à restauração da sede, após a enchente. Felizmente superamos todas as dificuldades, e a obra já foi reiniciada.

Mas nós temos outro patrimônio a zelar, que nos causam preocupação maior.

Nosso Patrimônio Cultural

O C. C. 25 de Julho ocupa hoje um lugar de destaque nos meios culturais do Município, do Estado e outras partes do Brasil e países vizinhos. Este destaque nós alcançamos no decorrer dos últimos anos, graças ao nosso desempenho nas atividades culturais, em nossa própria sede e ainda ao intercâmbio com sociedades de outras regiões. Neste terreno as perdas e danos são alarmantes. Aqui lutamos contra grandes e poderosos inimigos, como:

- * falta de tempo;
- * falta de interesse;
- * falta da língua alemã;

* novelas e outros programas de televisão.

Nós pessoalmente, como presidente com mandato vencido, vemos o nosso setor cultural com muita preocupação, sabendo que as pessoas a se dedicar às atividades culturais estão diminuindo assustadoramente, e sem uma permanente atividade cultural, o C. C. 25 de Julho não teria razão de ser.

Nosso Departamento de Esportes

Todas as modalidades que tradicionalmente se praticam no C. C. 25 de Julho, tiveram suas atividades paralisadas por motivo da grande enchente, mas felizmente tudo voltou ao normal. Os bolonistas já receberam sua cancha reformada, enquanto a Diretoria persegue o objetivo de construir novas dependências para as demais modalidades.

Nosso Departamento Social

Se tivermos um patrimônio

material representado por instalações adequadas, e se tivermos também uma regular atividade nos departamentos de esporte e cultura, o nosso departamento social certamente se sentirá motivado para promover lanches, jantares dançantes, bailes e outras festas mais, para atrair os nossos sócios e freqüentarem nossa Sociedade.

Para o bem do C. C. 25 de Julho, queríamos contar com a grande felicidade de ter alcançado o objetivo, que cada sócio refletisse sobre o que acabou de ler, e viesse a colaborar na manutenção da nossa sociedade, seja na aceitação de um cargo na nova Diretoria, ou nas diversas Assessorias ou de qualquer outra forma, para que os nossos descendentes e sucessores não tenham a lamentar a nossa indiferença.

Blumenau, Março de 1984.

Harold H. Letzow

Presidente

PROFESSOR SEIXAS NETO

É com profundo pesar que "Blumenau em Cadernos" registra o falecimento, ocorrido dia 23 do corrente, às 13,30 horas, na UTI do Hospital de Caridade, em Florianópolis, do professor Amaro de Seixas Ribeiro Neto, emérito educador e cientista, popularmente conhecido em todo o Estado por Seixas Neto.

Professor Seixas Neto, foi, durante os anos em que circula esta revista, um assíduo colaborador, deixando em suas páginas ao longo destes anos, trabalhos de profunda expressão cultural e de pesquisa, com o que sempre engrandeceu e ainda mais dignificou as edições de "Blumenau em Cadernos".

Eis porque, para nós, seu falecimento representa grande perda, assim como para nossos leitores.

Professor Amaro de Seixas deixa viúva dona Norma Seixas Ribeiro e dois filhos: Max-Plank e Niels-Bohr.

O sepultamento do benquisto mestre deu-se às 15.00 horas do dia 24 no cemitério de Itacorubi, com grande acompanhamento.

Ao fazermos este registro, apresentamos à distinta família enlutada os nossos sentimentos pela perda irreparável de tão nobre e tão culta figura que foi a do professor Seixas Neto.

— DIA 4 — Em Decreto que tomou o nr. 2.271, o prefeito Dalto dos Reis assinou criando a Escola Reunida Municipal "Professora Norma Dignart Huber", e que veio enriquecer a rede municipal de Ensino. A Escola fica situada na rua Coripós, bairro do Asilo, uma rua variante da rua Benjamin Constant. A escola funciona, inicialmente com cerca de 100 crianças, com séries 1^a. a 3^a.

* *

— DIA 4 — No saguão da FURB foi aberta exposição fotográfica sobre a vida e a obra do cientista Fritz Müller, cujo falecimento ocorreu em Blumenau a 21 de maio de 1897.

* *

— DIA 4 — Relatório entregue pela Diretoria de Serviços Urbanos da prefeitura ao prefeito Dalto dos Reis informou que um total de 3.210 toneladas de lixo urbano foi coletado por operários durante o mês de março. Para esta coleta, os caminhões realizaram 606 viagens entre o aterro sanitário de Salto do Norte e a cidade e bairros, perfazendo 20.205 quilômetros rodados. Foram gastas 1.967 horas de trabalho.

* *

— DIA 7 — Com um coquetel comemorativo, a Aliança Francesa inaugurou em Blumenau sua nova sede, que fica localizada no bairro de Itoupava Seca, à Rua Otto Henings nr. 43.

* *

— DIA 11 — Com a presença do prefeito municipal Dalto dos Reis, assessores e populares, foi inaugurada, no bairro Fortaleza, a estação elevatória de água do SAMAE que beneficiou diretamente 1.600 pessoas. O custo da obra foi de 25 milhões de cruzeiros. A cisterna da estação tem capacidade para 40 mil litros e o reservatório tem a mesma capacidade. O acontecimento refletiu favoravelmente no meio da população daquele bairro.

* *

— DIA 11 — Relatório entregue ao prefeito Dalto dos Reis pela SOSU, informa que no dia 2 a 7 de abril foram recuperados 2.013 metros quadrados de calçamento em 16 vias públicas do município e que estavam em estado lamentável ainda como consequência das chuvas e cheias que ocorreram no ano passado.

* *

— DIA 13 — Relatório apresentado ao prefeito Dalto dos Reis pelo SAMAE, informa que durante o mês de março foram executadas

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

132 ligações domiciliares, assentados 1.384 metros de rede d'água, abrangendo vasta área do município.

* *

— DIA 14 — No Centro Cultural 25 de Julho, numa promoção daquele clube e da Secretaria de Turismo municipal, apresentou-se o Grupo "Viva La Gente", grupo este que tem alcançado grande sucesso e é integrado por 26 figurantes de toda a América Latina.

* *

— DIA 15 — Numa promoção da Prefeitura Municipal de Blumenau, realizou-se, no Pavilhão "A" da PROEB, o grande Festival de Páscoa, que alcançou grande sucesso pela presença de grande público.

* *

— DIA 16 — Neste dia, no período da tarde, a emissora alemã "Deutsche Welle" transmitiu para todo o país e parte do mundo, entrevista concedida pelo Prefeito Dalto dos Reis, que enfocou aspectos culturais que ligam a comunidade blumenauense e a Alemanha. Ao final declarou que, buscando a preservação da cultura, das tradições e costumes alemães, é que havia determinado o início, a partir do próximo ano letivo, do ensino da língua alemã nas escolas da rede municipal de ensino.

* *

— DIA 16 — Relatório entregue pela Secretaria de Agricultura ao prefeito Dalto dos Reis, informa que durante o mês de março aquela Secretaria entregou através do Horto Florestal, em distribuição, 11.895 mudas de árvores ornamentais para passeios e jardins. No setor de pecuária, foram aplicadas 217 ampolas de sêmen de diversas raças. Os operadores de tratores trabalharam 555 horas atendendo 137 propriedades com micro-tratores, enquanto que os dois tratores esteira trabalharam 52 horas em três propriedades localizadas em Testo Salto e Passo Manso. Foram aplicadas 125 vacinas e prestados 1.009 atendimentos a animais de pequeno e médio porte. Nas 9 feiras livres foram vendidos 121.914 quilos de frutas e verduras, num total de Cr\$ 48.765,600,00 e 93.200 quilos de produtos de lavoura, totalizando Cr\$ 27.960.600,00. O Posto de Suinocultura vendeu durante o mês 49 leitões de 60 dias, totalizando 631,5 quilos.

* *

— DIA 16 — Decreto assinado pelo prefeito Dalto dos Reis e que tomou o nr. 2.274, transformou em Escola Básica a Escola Reunida "Professor Oscar Unbehaun". O referido estabelecimento localiza-se à rua Garopaba, no bairro da Velha e lá funcionarão as oito séries do Primeiro Grau a partir do decreto.

* *

— DIA 17 — Blumenau voltou a sofrer, às primeiras horas da noite, os efeitos de uma tremenda enxurrada como consequência de violento temporal que desabou sobre a cidade e o bairro de I.

toupava Norte. Grandes foram os prejuízos e muitos veículos ficaram impedidos de trafegar, atingidos pelas águas.

* *

— DIA 19 — Tendo como local a PROEB, foi instalada a VIII Convenção Nacional dos Alcoólatras Anônimos, evento este que reuniu, nos dois dias de trabalhos, cerca de 3.000 participantes.

* *

— DIA 19 — Relatório do Serviço Municipal de Trânsito entregue ao prefeito Dalto dos Reis, informa que foram registrados, no mês de março 274 acidentes de trânsito no município de Blumenau, causando lesões de diversos graus em 86 pessoas, além de uma vítima fatal. Foi arrecadado um total de Cr\$ 7.138.538,00 entre multas e taxas. Dos 274 acidentes registrados, 51 envolveram motociclistas.

* *

— DIA 21 — Com a presença de numeroso e seletto público, realizou-se na palco do Central Cultural 25 de Julho, a apresentação do Coral Folclórico Austriaco "Grendzlandchor Arnoldstein". O coral estava integrado por 55 pessoas e apresentou canções folclóricas da Áustria e de outros países.

* *

— DIA 26 — Com construção iniciada a 18 de março de 1983, foi inaugurado o novo e moderno Ginásio de Esportes de propriedade da Sociedade Beneficente de Sub-Tenentes e Sargentos, localizada no bairro Garcia. O ato que foi muito festivo, contou com a presença de numerosas pessoas, entre elas o prefeito Dalto dos Reis.

* *

— DIA 26 — Relatório publicado pelo Serviço Autônomo Municipal de Terminais Rodoviários registra que 26 mil pessoas passaram pelo Terminal Rodoviário por ocasião do feriadão de Páscoa. Para tal foram colocados 74 ônibus extra.

* *

— DIA 29 — No Tatro Carlos Gomes apresentou-se o Grupo Teatral Independente, de Florianópolis, com a peça "Peter Pan Contra o Capitão Gancho", um clássico da literatura infantil e que contou com a presença de numeroso público mirim.

* *

— DIA 29 — No Salão de Convenções do Gardem Terrace Hotel, instalou-se o Encontro Brasileiro de Panificadores que contou com grande participação e serviu para preparar o Congresso Nacional de Panificadores.

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

